

Capítulo 1

A noite e as sombras

Le Notti Bianche passava-se numa ponte: Maria Schell esperava o amante que partira há um ano, Marcello Mastroianni apaixonava-se por ela, e havia música, não sei de onde vinha a música, talvez de um bar ou de uma esplanada próxima; lembro-me de um barco no canal, e dos sinos a tocarem, e do momento em que começava a nevar, e da rapariga a deixar cair o casaco que tinha sobre os ombros e a correr para os braços de um dos homens. *Black Narcissus*: Deborah Kerr vestida de freira, e o inesperado dos seus cabelos ruivos quando recordava, porque aquele lugar fazia recordar coisas; Kathleen Byron a tocar o sino do mosteiro na beira do precipício e a pintar os lábios na sua cela, a voltar de madrugada com um vestido vermelho e o cabelo molhado; e depois a luta final entre a jovem com o hábito branco e a jovem com o vestido vermelho, as nuvens lá em baixo, o mosteiro erguia-se acima das nuvens.

Em tempos pensava que todas as histórias eram uma só, a luta entre o anjo bom e o anjo caído, e sempre à beira de um abismo.

Naquela noite, tinha a impressão de caminhar numa Londres criada em estúdio, um velho filme inglês dos anos quarenta. Uma rapariga casada que vinha a Londres uma vez por semana, ver um filme ou uma peça de teatro, e trocar um livro na biblioteca, livros de Dorothy Whipple, Richmal Crompton, D. E. Stevenson, Winifred Watson. Os transeuntes não me olhavam no rosto. Um pouco de nevoeiro.

Levei a mão ao peito para sentir a estrela de madrepérola do meu colar, mas não estava ali. Tirara-o ao vestir-me para o baile, usava uns brincos da mesma cor do vestido e nunca gostei de usar muitas jóias. E, quando me levantara de manhã, limitara-me a enfiar uns jeans e uma camisola, procurara o casaco castanho no armário do vestíbulo onde estivera sempre.

Meti a mão no bolso do casaco castanho e segurei a pedrinha cor de laranja. Não sabia o nome da pedra, de vez em quando comprava uma nos mercados de rua, e estavam um pouco por todo o lado, nas gavetas da roupa, no meio dos livros, entre as bisnagas de tinta, nos bolsos dos jeans. A pedrinha reconfortou-me, apertei-a até ficar quente, mais quente do que a minha mão.

Estava nas proximidades da galeria e apertei o passo. A falta física dos quadros, que conhecia bem. Os meus quadros, a neve suja, a cortina de lilases, precisava de voltar a vê-los, passar os dedos na assinatura no canto inferior, dizer o meu nome em voz alta. Ninguém que os olhasse reconheceria a neve, os lilases. Depois de fazer alguns esboços havia um momento, sempre inesperado, em que a neve, a água, as plantas, os campos, ou antes, as impressões que tinham deixado em mim, surgiam na tela. Ainda estava ali, a fragilidade das coisas que só querem existir, que se dão inteiramente. As pinceladas evocavam cores, luz, formas, sons, movimento. E depois as dores nos braços e nas costas, e um cansaço por dentro, bem fundo; só tinha forças para lavar as mãos e o rosto, tirar os jeans e a camisa aos quadrados, vestir uma camisola limpa e meter-me na cama.

Não era muito tarde, talvez a galeria ainda estivesse aberta. É uma galeria pequena, numa rua transversal, tem algo de capela, o baixo-relevo de um anjo num dos lados da porta, a parede a precisar de uma pintura, a tabuleta de madeira, “Antiques old and new”. Deveria ficar aberta toda a noite, como uma igreja ou um bar, um abrigo para os que se perdem nas ruas ou dentro de si mesmos. Mas estava fechada, o anjo parecia mais afundado na parede, como se voltasse para um lugar de onde nunca deveria ter saído, a tabuleta de madeira soltara-se num lado; passei a mão no vidro húmido da montra mas tive dificuldade em ver para o interior.

E como vou explicar isto ao meu corpo... A pergunta fez-me pensar num homem, a palavra corpo faz-me sempre pensar nele, e uma dor súbita forçou-me a inclinar um pouco para a frente.

Voltei as costas à galeria e continuei a andar. Passei por uma entrada do metro e hesitei por instantes; mas não estava longe de casa, uns dez ou quinze minutos.

A impressão de estar num cenário criado em estúdio. Se começar a nevar agora, como no filme de Visconti, a neve será a fingir. Cada um tem a neve que merece. A irrealidade acentuou-se quando cheguei à minha rua, como se só tivesse passado lá uma ou duas vezes, como se não vivesse lá desde que deixara de estudar.

As lojas escuras como num quadro de Whistler, não me lembrava daquelas sombras. Mas depois de tanto tempo... Se houvesse crianças a brincar na rua, estariam mais altas, mais velhas.

Era uma ideia estranha. Apertei os punhos dentro das algibeiras. Só tinham passado dois meses, pouco mais de dois meses. Estivera longe dois meses, deixara para trás os meus quadros e o meu gato, telas inacabadas no cavalete e na mesa onde trabalhava. A janela que dava para os telhados ficava um pouco aberta e o meu gato tinha uma vida dupla, vira-o entrar pela janela da senhora de idade que morava no prédio ao lado. Sentira a sua

falta, éramos um do outro há muitos anos, sabia que era sempre o mesmo, o primeiro gato que tivera em criança, tínhamos conseguido encontrar-nos uma e outra vez nos oceanos do espaço e do tempo.

Parei junto ao candeeiro da rua, em frente do prédio, a olhar para a minha janela. Os vasos de gerânios não estavam no peitoril, a porteira devia tê-los levado para dentro. Mas mesmo com a luz fraca podia ver que as cortinas azuis não estavam na janela, talvez fosse só impressão minha, mas os vidros pareciam sujos, cobertos por uma espessa camada de poeira.

Não tem importância. Amanhã lavo a janela e ponho as cortinas e tudo voltará a ser como dantes.

A minha cama estreita, os lençóis baratos que não mudava com muita frequência. Uma pintura minha na parede, céu e oceano, estrelas no céu e no oceano, a forma irregular. A estante com álbuns de arte, colectâneas de poemas, romances de Henry James e Iris Murdoch, livros infantis. E o leve cheiro a tinta de óleo no ar, embora tivesse sempre o cuidado de deixar a porta do quarto fechada.

Abri a bolsa castanha que não era minha e tirei o chaveiro. Procurei a chave mas claro que não estava ali. Aquelas chaves eram da outra casa, a do portão, a da entrada, a da cozinha, a da porta das traseiras... O *meu* chaveiro só tinha duas. Tentei lembrar-me da última vez que o vi. Estava na mochila, a mochila com alguma roupa, o caderno de esboços e material de pintura que nunca chegara a encontrar. Devia ter sido arrastada pela água da cascata, pela água do lago que se transformava num ribeiro e desaparecia no interior das rochas.

Ou talvez estivesse na casa, nalgum sítio onde não chegara a procurar.

Não tinha importância. Na manhã seguinte mandaria fazer duas chaves. Na manhã seguinte alimentaria o meu gato, mudaria os lençóis, lavaria a janela, e depois voltaria para as telas que

estavam em cima da mesa, ou talvez as pusesse de lado porque trazia tanta coisa nova, tantas paisagens e água e pedras e plantas, e fragmentos de poemas... E muros baixos de pedra.

Atravessei a rua e subi os degraus da entrada. Pressionei por instantes a campainha da porteira. Depois pousei a mão espalmada na porta. Como se quisesse deixar uma marca.

Estava em casa.